



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**VIVIANE VIRGÍNIA DA SILVA SOUSA**

**IMPASSES ATUAIS: AS (IM)POSSIBILIDADES AO VIVER NO SÉCULO XXI**

**CAMPINA GRANDE**

**2019**

**VIVIANE VIRGÍNIA DA SILVA SOUSA**

**IMPASSES ATUAIS: AS (IM)POSSIBILIDADES AO VIVER NO SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jailma Belarmino Souto.

**CAMPINA GRANDE**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725i Sousa, Viviane Virginia Silva de.  
Impasses atuais [manuscrito] : as (im)possibilidades de viver no século XXI / Viviane Virginia Silva de Sousa. - 2019.  
29 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."  
1. Psicanálise. 2. Pós-modernidade. 3. Sujeito. I. Título  
21. ed. CDD 150.195

VIVIANE VIRGÍNIA DA SILVA SOUSA

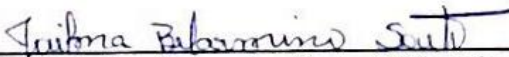
IMPASSES ATUAIS: AS (IM)POSSIBILIDADES AO VIVER NO SÉCULO XXI

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jailma Belarmino Souto.

Aprovada em: 05/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jailma Belarmino Souto (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lígia de Aquino Gouveia  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família, por toda luta e dedicação, DEDICO.

Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, estabelecendo seu controle sobre a natureza de uma maneira jamais imaginada. As etapas isoladas desse progresso são do conhecimento comum, sendo desnecessário enumerá-las. Os homens se orgulham de suas realizações e têm todo direito de se orgulharem. Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, consecução de um anseio que remonta a milhares de anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes. Reconhecendo esse fato, devemos contentar-nos em concluir que o poder sobre a natureza não constitui a única pré-condição da felicidade humana, assim como não é o único objetivo do esforço cultural.

Sigmund Freud

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
MODERNIDADE, PÓS MODERNIDADE E SEUS ENLACES	9
FELICIDADE, SUJEITO E REFLEXOS DA CONTEMPORANEIDADE	18
SOBRE AS (IM)POSSIBILIDADES AO VIVER NO SÉCULO XXI	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

## RESUMO

Esse artigo tem como proposta a discussão e a análise do desdobramento das modificações ocorridas no meio social a partir da modernidade para fazer reflexões sobre a questionada “pós-modernidade” e seus reflexos sobre a subjetivação do sujeito contemporâneo. Em razão das diversas formas de saber compartilhadas em sociedade, de acordo com os diferentes períodos da história, podemos apontar para as inúmeras formas de configurações da subjetivação, à vista que o sujeito se estabelece na relação com o Outro, em suas particularidades. Para isso, são visitadas algumas teorias de base sociológica, em conversação com a teoria psicanalítica, considerando que o sujeito e sociedade se compõe e acontecem em conjunto. É importante acentuar que, com esse artigo, não se pretende esgotar o assunto, porém pontuar considerações acerca do tema que ilustrem esses processos, visitando alguns autores que objetivam apontar elementos que ajudem na contemplação das propostas teóricas. Em um segundo momento, se propõe um olhar em volta do sujeito, da estruturação do inconsciente através da linguagem e os possíveis movimentos, considerando aquilo que o circunda na contemporaneidade, assim como pontuando possíveis mudanças sintomáticas, de modo de gozo, e de fazer laço social. Por fim, pretende-se apresentar a psicanálise enquanto uma possibilidade de estar no mundo, relacionando-se com o saber. Teoria e prática que operam através do amor transferencial como método de estabelecimento dessa relação, para que seja possível os desdobramentos dos discursos, no sentido de uma orientação perante os registros Simbólico, Imaginário e Real, que produza nos sujeitos que a experimentam tocas sintomáticas menos devastadoras e laços sociais mais consistentes.

**Palavras-chave:** Sujeito; Psicanálise; Pós-modernidade.

## ABSTRACT

This article aims to discuss and analyze the unfolding of changes in the social environment from modernity to reflect on the questioned "postmodernity" and its reflections on the subjectivation of the contemporary subject. Due to the various forms of knowledge shared in society, according to the different periods of history, it is possible to point to the numerous forms of configurations of subjectivation, given that the subject is established in relation with the Other, in their particularities, some sociological based theories are visited, in conversation with the psychoanalytic theory, considering that the subject and society are composed and happen in the social bond. It is important to emphasize that, with this article, it is not intended to exhaust the subject, but to point considerations on the theme that illustrate these processes, visiting some



authors who aim to outline elements that help in the contemplation of the theoretical proposals. In a second moment, it is proposed a look around the subject, the structuring of the unconscious through language and the possible movements, considering what surrounds it in contemporary times, as well as punctuating possible symptomatic changes, in the way of enjoyment, and making a bond. Finally, we intend to present psychoanalysis as a possibility of being in the world, relating to knowledge. Theory and practice that operate through transference love as a method establishing this relationship, so that it is possible to unfold the discourses, in the sense of an orientation towards the Symbolic, Imaginary and Real registers, which produces in the subjects who experience it less devastating symptomatic burrows and more consistent social ties.

**Key- Words:** Subject; Psychoanalysis; Postmodernity.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como proposta a discussão e a análise do desenvolvimento das modificações ocorridas no meio social a partir da modernidade para fazer reflexões sobre a questionada pós-modernidade e seus reflexos sobre a subjetivação do sujeito contemporâneo.

Para isso, são visitadas algumas teorias de base sociológica como Bauman (2001) para apresentar pontos acerca da modernidade, em corroboração com a visão psicanalítica de Forbes (2010) e Birman (2007). Esses dois últimos autores, assim como Otero (2013), também são utilizados ao discorrer sobre a pós-modernidade da perspectiva psicanalítica, em consonância com a visão sociológica de Jameson (2002). O texto propõe apresentar diferentes pontos de vista sobre esses dois períodos a fim de ilustrar esse desenrolar que acarretou no cenário no qual o sujeito se insere atualmente, com as particularidades decorrentes disso. Além disso, se apresenta a teoria dos discursos proposta por Lacan (1992), a fim de considerar o Discurso Capitalista que se retrata na atualidade.

É importante acentuar que, com esse artigo, não se pretende esgotar o assunto, porém pontuar considerações acerca do tema que ilustrem esses processos, tomando como referência alguns autores que objetivam apontar elementos que ajudem na contemplação das propostas teóricas que discutem sobre as modificações decorridas desse período de tempo e seus respectivos reflexos frente as formas de estruturação do sujeito no mundo.

Em razão das diversas formas de saber compartilhadas em sociedade, de acordo com os diferentes períodos da história, podemos apontar para as inúmeras formas de configurações da subjetivação, à vista que o sujeito se estabelece na relação com o Outro, em suas particularidades. Destarte, se faz possível uma temporalização do sujeito, que reside na afirmação de Lacan, de que o sujeito se define em relação ao saber. Em decorrência das modificações do saber, o sujeito também muda e, disso, surgem novas formulações de subjetivação (LEITE, 2000).

Em um segundo momento, se propõe um olhar em volta do sujeito, da estruturação do inconsciente através da linguagem e os possíveis movimentos, considerando aquilo que o circunda na contemporaneidade, assim como pontuando possíveis mudanças sintomáticas, de modo de gozo, de como articula os laços sociais. Utilizando como base para isso a teoria psicanalítica, que perpassam os autores Freud (1929 [1930]), Lacan (1992), Miller (2012), Leite (2000), Monteiro (2019), bem como, mais uma vez, Forbes (2012) e Birman (2001).

Por fim, pretende-se apresentar a psicanálise enquanto uma possibilidade de estar no mundo, relacionando-se com o saber, operando a partir da descoberta do inconsciente como Outra Cena. Tomando, sobretudo, como base a segunda clínica lacaniana, que se apresenta como ferramenta de tratamento para o real na atualidade. Teoria e prática que operam através do amor transferencial como método de estabelecimento dessa relação, para que seja possível os desdobramentos dos discursos, no sentido de uma orientação perante os registros Simbólico, Imaginário e Real.

## MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE E SEUS ENLACES

A sociedade na contemporaneidade vem se configurando de maneira diferente e, conseqüentemente, esse percurso tem construído novos modos de relação e de ser frente à imensidão de transformações englobadas pelo aparecimento de novas tecnologias, novos caminhos ao se estruturar frente às relações e novas configurações de laço social. Diante disso, conceitos, crenças, valores e paradigmas vinculados à cultura e ao âmbito social foram sendo desconstruídos e reconstruídos, abrindo espaço para novas organizações do ser nesse meio. Para compreender esse processo, que permeia uma construção histórica, faz-se um convite a visitar propostas teóricas envolvidas nos conceitos de civilização e como o desenrolar desse processo reflete na estruturação do ser na atualidade, à vista que o ser humano se constitui no laço social com o Outro e outros.

Nesse sentido, Baumann (2001), faz uma leitura do início desse cenário tomando como pressuposto o social e as movimentações econômicas, passeando por caminhos que levam a pensar os elos formados dentro da tramitação do sistema capitalista. Tendo em vista que esse processo levou a uma reformulação de um conjunto de paradigmas, considera que a sociedade anteriormente sólida, se liquefez supostamente no intuito de retomar essa solidificação. Faz-se uma crítica ao afirmar que esse movimento não se deu através da revolução, porém, através do derretimento das algemas que limitavam uma liberdade individual das empresas em relação a deveres éticos para com seus empregados, deveres que impediriam a racionalidade por meio do cálculo, para que somente restasse o nexo dinheiro.

O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2001. p.8).

Além disso, Bauman (2001) também pontua a modernidade traduzida em uma versão individualizada e privatizada, findando na liquefação dos moldes de dependência e interação, os tornando maleáveis, não mantendo sua forma por muito tempo, isto é, relações que se mostram frágeis; o que culminou na desintegração das redes sociais, das agências de ação coletiva efetivas, efeito colateral dessa configuração de poder fluido, que tem a liberdade de correr sem fronteiras e barricadas.

Ao falar do individualismo moderno, é interessante contrastar a base teórica sociológica de Bauman (2001), com a visão psicanalítica de Miller (2012), que compreende o cerne desse individualismo enquanto o gozo.

Trata-se de redescobrir, na própria psicanálise, o que triunfa hoje no laço social, o que se chama, sem que se pense muito nisso, de

individualismo moderno e que torna, de fato, problemático tudo o que é relação e comunidade, até mesmo o laço conjugal, em que, mesmo aqueles que se pode qualificar de conservadores, aqueles que sacramentam a rotina como tradição, são irresistivelmente capturados pelo movimento de invenção das relações a serem estabelecidas, pelo viés da lei positiva – aquela que é votada nos Parlamentos –, entre os átomos individuais. O ponto de partida encontrado no gozo é o verdadeiro fundamento do que aparece como a extensão, ou mesmo a demência, do individualismo contemporâneo (MILLER, 2012, p. 44).

Para além de uma perspectiva de contraposição, essas perspectivas se complementam, no sentido do que é factual e aquilo que está no centro, na raiz do que leva a esse individualismo e em suas respectivas derivações.

As relações configuradas de maneira líquida, compreendem diversos aspectos da vida, desde os relacionamentos profissionais, refletidos através de empregos cada vez mais incertos e inconstantes, tendo em vista a terceirização do trabalho no contexto brasileiro e o grande aumento no índice de desemprego. Até as relações afetivas, que apresentam laços mais fragilizados e menos duradouros, traduzidos através do aumento do número de divórcios, acompanhado também pelo aumento significativo dos relacionamentos de modo virtual, das relações que firmam um compromisso mais maleável, das novas configurações enquanto laço afetivo.

Em razão disso, um fator elementar nesse paradigma é registrado através das configurações de família, considerando que se concebe como base para a constituição da subjetividade. No tocante à modernidade e sua estruturação familiar, nas palavras de Birman (2007), houve transformações desde a época pré-moderna – em que todas as gerações conviviam no mesmo espaço, a autoridade do pai era absoluta e incontestável e a figura feminina se resumia à reprodução. Esse cenário se reestruturou na separação das gerações em cômodos, no sentido de tornar privado o que era anteriormente público; convergindo na constituição da família nuclear, em que o poder paterno se relativizou, sendo evocado pela mãe como ferramenta de castigo. E a figura materna estava equivalente à figura feminina, tendo em vista que a mulher desempenhava apenas papéis relacionados ao ambiente doméstico.

Abstrai-se dessa concepção a lógica de que o ser humano se constrói por meio do símbolo, que está tem sua origem na função paterna e se amplia para outras figuras na sociedade. Dessa forma, Forbes (2010) pontua a organização do laço social - em vigor anteriormente e que se torna gradativamente rarefeita - centrada na simbolização da função paterna, nomeada através do pai no contexto familiar, do patrão no contexto laboral, da pátria em um contexto mais amplo. Nesse movimento, a satisfação, a felicidade estavam direcionadas à ascensão a estes ideais, através do estabelecimento de disciplina, protocolo, procedimentos estruturados. Em um mundo padronizado, o futuro se torna previsível, calculável; a lógica se traduz através do “se... então.”

A moral monogâmica carregou consigo efeitos sobre a produção da individualidade, em razão de, em Freud, a constituição do intitulado mal-estar ser decorrente da inserção do erotismo no campo familiar. Consequentemente, diante da impossibilidade da circulação e expressão da sexualidade perverso-polimorfa no âmbito familiar, os efeitos provenientes desse processo decorreriam nas chamadas “doenças nervosas”, agressividade, violência e criminalidades (BIRMAN, 2007). À vista disso, se

faz necessário compreender as transformações na estrutura familiar – considerando que nesse meio se condensam entrelinhas políticas, sociais, culturais e econômicas – que refletem as respectivas construções subjetivas na atualidade.

Em relação as figuras masculinas e femininas no contexto da modernidade, o feminino era vislumbrado como posição de histeria, em que a insatisfação estaria sempre em causa, redobrada, posteriormente, em Freud, numa leitura do masoquismo feminino, marcado pela experiência do sacrifício feminino – no que cerne a renúncia da vida em razão da maternidade. Esse movimento conduziria o feminino ao abandono de si, a perda do viço e do brilho. Já o masculino estaria marcado, ainda no discurso freudiano, de acordo com a sua fantasia permeada pela oposição maternidade e erotismo; o erotismo não poderia entrar em cena, considerando que produziria como efeito o nojo diante da figura materna, que a desqualificaria da posição mãe-santa (BIRMAN, 2007).

Intensas modificações nesse contexto foram provenientes da invenção de anticoncepcionais seguros e diversificados, que refletiram na separação entre o desejo e a reprodução. Trazendo consigo a liberdade feminina, diante da possibilidade de ter ou não filhos. O que abriu espaço para que as mulheres se direcionassem para a capacitação intelectual e a entrada no mercado de trabalho, buscando a realização em suas próprias singularidades, não somente enquanto mães. Através da luta do movimento feminista nas décadas de 50 e 60, se desencadeou um processo radical de modificação nas famílias modernas, tendo em vista que as mulheres passaram a demandar uma outra posição na sociedade, em igualdade com as condições masculinas. Nesse sentido, constituiu-se uma nova configuração de organização familiar, se tornando comum parceiros com prole anterior ao casamento, refletindo nas crianças que passaram a permear diferentes cenários familiares. Além disso, também foram apresentados aumentos nas famílias monoparentais. E, como decorrência desse processo, também ocorreu a diminuição na potência reprodutiva. Com a saída da cena doméstica do feminino, os homens não se posicionaram no sentido de compensar e equilibrar a “ausência” materna, deixando o cuidado a cargo das instituições de ensino e dos serviços contratados de acordo com a possibilidade financeira (BIRMAN, 2007).

Nas palavras de Schimdt (2018), que compreende as transformações mundiais enquanto um fenômeno conceituado de “modernidade global” aponta que uma das consequências significativas desse avanço seria a aceleração e intensificação da mudança em múltiplos aspectos da vida, tendo em vista o aprimoramento e aparecimento de novas tecnologias, o estoque de capital e o conhecimento expandido de forma extraordinária. Também pontua um descontrole dessas transformações, em razão de sua natureza descentralizada e descoordenada, que pode advir de qualquer lugar do mundo, devido a conectividade humana promovida nos dias atuais.

Outros autores concebem a atualidade enquanto pós-modernidade. Como Jameson (2002), que dá esse nome à contemporaneidade e a compreende enquanto momento em que a cultura se fundiu à economia, sem que haja uma linha que delimite esses dois campos. Como efeito disso, decorreu o esmaecimento dos afetos, o desaparecimento do sujeito individual, devido a sua inviabilidade perante o mercado, uma crise na historicidade, e uma intensificação na euforia e nas intensidades. Segundo Girelli e Tfouni (2015), ao abordar a teoria de Jameson, pontuam que todo objeto ou serviço, atualmente, se tornam, de forma inseparável, uma marca trabalhável, um produto vendável. Essa reestruturação no sistema de produção capitalista acarretou em

profundos impactos econômicos, políticos, culturais na sociedade. Como consequência disso, a própria cultura tornou-se em produto.

De acordo com a teoria psicanalítica, nas palavras de Tarrab (2011), a contemporaneidade se mostra de desnuda do véu último do objeto, o que leva a um real indiferente às ficções que esse período constrói, devido a precariedade atual da instância simbólica. Nesse sentido, a pós modernidade trouxe consigo novos sintomas, que estão para além da elevação do objeto *a* ao zênite, acarretando também na ordem categórica fora de sentido, ameaça de devastação, empobrecimento simbólico e o anonimato.

Segundo Drummond (2011), o simbólico está em queda diante do gozo que escapa nos universos dos nomes. Se esse gozo não é abarcado pelo simbólico, restando algo disso, também se faz a oportunidade psicanalítica enquanto ferramenta de leitura e tratamento do mal-estar no mundo. Assim, essa queda do simbólico é refletida através da fragilidade de recursos para inserção na sociedade, pontuada nas diversas formas de violência, nas constituições familiares, nas intervenções no corpo, no culto ao imaginário. Além disso, responsabiliza a ciência diante de seus discursos que divinizam o objeto *a*, propondo, prescrevendo um modo de vida para todos.

Esse processo ocasionou em uma passagem para a horizontalidade nos laços, em que acontece um enfraquecimento na simbolização paterna e os modelos que anteriormente eram seguidos rigidamente, se tornam mais flexíveis, mais diversos; considerando que não há mais uma ordem geral para submissão. Nesse novo movimento, são necessárias novas referências, tomadas a partir do encontro com outros que estão em uma perspectiva de igualdade, de horizontalidade. A lógica não se estabelece através do teorema “se... então”, precisa ser calculada de acordo com o coletivo e suas diferentes circunstâncias, a depender da movimentação e do tempo de terceiros. Anteriormente, se ascendia da impotência à potência, à adaptação, à “completude” com o Outro. Nessa nova lógica, se parte da impotência ao impossível de normalização, ao se inserir em uma comunidade em constante mudança (FORBES, 2010).

É preciso ir além do Nome-do-Pai, ao considerar que essa época se situa entre semblantes múltiplos; ir além do Édipo é direcionar-se para a multiplicidade pulsional, em detrimento da significação metafórica. Formula-se que a pulsão é sem objeto e envolve objetos parciais. Dessa forma, através da via da sexuação existe a possibilidade de ancorar uma ética que implique responsabilidade pelo inconsciente. Toma-se o inconsciente real, do ponto de vista da pulsão, não mais da cadeia significante. Portanto, a prioridade ao direcionar-se dessa perspectiva é a responsabilidade sexual pela escolha do parceiro ou do sintoma com que se goza (FORBES, 2012).

Nesse cenário o significante prevaleceu sobre o significado, à vista que as imagens, estímulos superam as interpretações padronizadas, as conceituações prontas. Parte-se de uma perspectiva para além do Édipo, em que o isolamento se transformou em conexão, o estático se tornou interativo, a descrição foi substituída pela especulação e pesquisa, as repetições – de atividades laborais – foram reorganizadas em pluralização de experiências. Essa quebra de paradigmas, de tradições e laços anteriormente estabelecidos, transforma o consumidor em co-autor do produto, tendo em vista que a reformulação desse processo se dá através da percepção singular, dos diferentes modos e pontos de vistas (FORBES, 2010).

Crítica necessária à organização do laço social situa-se em pensar sobre a necessidade de um sistema hierárquico como única forma de estabelecimento de ordem,

através da força, do saber, do controle. Forbes (2010) questiona a possibilidade da existência de uma nova organização de laço social não legitimado, que vai além da questão hierárquica, que parte do ponto de vista horizontal, considerando que a sociedade tem se movimentado apesar da escassez de um simbólico paterno global, um Nome-do-Pai generalizado que norteie esse movimento. Além disso, acentua a necessidade de visibilidade dos novos sintomas advindos da globalização, tendo em vista que para eles estão sendo empregados antigos remédios como o retorno à moralidade, o surgimento de novas religiões, e a medicalização da felicidade. Aponta o momento em que estamos como reacionário, que, diante dessas mudanças vivenciadas, tem-se recorrido a esses recursos.

Um dos fatores mais alimentados nesse contexto é o consumismo em larga escala. Para compreender esse processo Fontenele (2014), faz uma leitura de diversas teorias da sociologia, na busca de compreender o consumismo enquanto organizador social da ilusão. Nesse sentido, acentua que esse processo não se dá puramente pela via da produção em si, porém, considera que está diretamente vinculado a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, em que houve um excedente de produtos a serem vendidos, causando modificações em todo sistema social; por isso, identidades e papéis anteriormente fixos, passaram a se movimentar. Dessa forma, se faz um movimento ao conceber o capitalismo enquanto modo de produção de mundo, em que a colonização é feita pela lógica da mercadoria e, conseqüentemente, forma-se uma cultura de consumo capaz de transmutar o significado do uso dos objetos, seus valores e suas respectivas ilusões. Além disso, o endividamento é utilizado como base desse consumo, que em seu início teve o propósito de antecipar o desejo de consumir e fazer girar rapidamente mercadorias; e, na atualidade, com a sofisticação dos métodos de financeirização da economia, tem se apresentado de forma gradativamente radical esse processo de endividamento. O que leva à conclusão que o consumo se torna um ponto central ao passo que formata a subjetividade dentro desse movimento de produção e consumo.

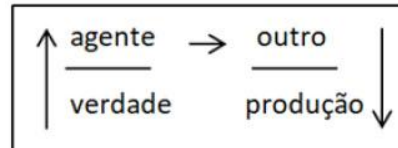
Através das grandes mídias, o consumidor tem a possibilidade de, a cada momento, ir de encontro com aquilo que deveria ter ou ser. Existem inúmeras imposições sociais em relação à padrões corporais, financeiros, familiares. Destarte, limites dessa imposição são questionados, considerando que ao passo que se caminha em direção à conformação com os padrões da sociedade de consumo – que procura a homogeneização da massa em razão da padronização de seus produtos-, se perde a noção de singularidade (OTERO, 2013).

Nesse cenário, Girelli e Tfouni (2015) apontam um discurso em torno da extrema necessidade do mercado que vai de encontro às disputas políticas, ideológicas, afirmando a liberdade de consumo, através da democracia neoliberal e a inclusão social como virtudes advindas do sistema. Assim, há uma repulsa a qualquer tipo de controle econômico e uma desqualificação das economias regidas pelo socialismo.

A cultura do consumo passou a ser disseminada como o único modo de vida possível na ordem mundial vigente e globalizada e a integrar o tecido social que conforma o cotidiano da maioria dos países, fortalecendo o individualismo e corroendo os vínculos sociais. Esse modo de vida dissemina a ideia de que todos podem ser integrados socialmente por meio do consumo, não havendo uma diferenciação de classes sociais que impeça isso. Os consumidores não se veem como produtores de mercadorias, provocando uma cisão na maneira de se enxergar da classe trabalhadora, uma vez que é a capacidade de consumo que passa a determinar seu lugar na sociedade, não o

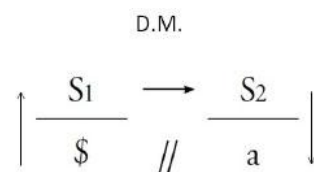
processo de produção de mercadorias (GIRELLI e TFOUNI, 2015, p. 96).

Diante desse processo, ao considerar a perspectiva psicanalítica, se faz uma análise por meio dos discursos que permeiam esse cenário, mais especificamente, o Discurso Capitalista. A fim disso, é preciso que se retome a teoria dos discursos proposta por Lacan (1992), em que os discursos se concebem em torno de quatro letras: S1 (significante mestre), S2 (saber), \$ (sujeito barrado), a (objeto causa do desejo). Essas letras se movimentam entre quatro posições – agente, outro, verdade e produção – que organizarão os discursos do mestre, da histórica, do analista e do universitário.

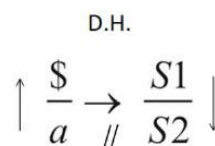


Assim, os discursos se originam de uma verdade que é detida pelo agente, através disso, esse agente se direcionará ao outro concebendo uma produção. É importante grifar que na formulação dos discursos a produção não se relaciona com a verdade, existe uma impossibilidade entre esses dois termos (LACAN, 1992).

Partindo do discurso do mestre, a verdade do sujeito barrado (\$) é suportada pelo agente (S1), que se direciona ao outro (S2), produzindo disso o objeto causa de desejo (a). Segundo Badin e Martinho (2018), o lugar de agente é ocupado por quem tem o poder; nessa posição dominante, o mestre se autoriza diante da subjetividade, considerando que à baixo de seu cargo existe o sujeito barrado, no lugar de verdade. Ao comandar, espera de seus subordinados a produção de algo, disso decorre o objeto a, o objeto mais-de-gozar.

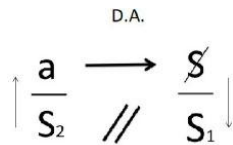


No discurso da histórica, se parte da verdade enquanto objeto a (a) que é detida pelo agente posicionado como sujeito barrado (\$), se direcionando ao significante mestre (S1), disso decorre se produz um saber (S2). “Vemos então a histórica fabricar, como pode, um homem – um homem que seria movido pelo desejo de saber” (LACAN, 1992, p. 31). Nesse sentido, segundo Badin e Martinho (2018), o discurso histórico estaria às voltas com essa motivação pelo saber, saber do valor que ela própria tem; e se monta em torno da questão com a relação sexual, de como um sujeito seria capaz de sustentá-la.

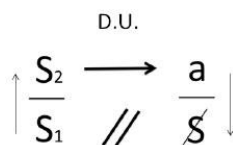




No discurso do analista, que vai na contramão do discurso do mestre, considerando que o “discurso do analista – ele deve se encontrar no polo oposto a toda vontade, pelo menos confessada, de dominar” (LACAN, 1992, p. 65). Nesse discurso, se parte de um saber (S2) enquanto verdade, sustentada pelo agente que se posiciona enquanto objeto causa de desejo (a) e se direciona ao sujeito barrado (\$) e disso se produz o significante mestre (S1)



Por fim, o discurso universitário advém da verdade enquanto significante mestre (S1), essa verdade é dominada pelo agente que se posiciona como saber (S2) e que se direciona ao outro enquanto objeto causa de desejo (a) e desse movimento se produz um sujeito barrado (\$). “O discurso do universitário que mostra por onde ele pode pecar, mas também, em sua disposição fundamental, mostra onde o discurso da ciência se alicerça” (LACAN, 1992, p. 92). O S2 no lugar de agente se coloca enquanto dominante na medida que disso se abstrai uma ordem, um mandamento, tomando o outro enquanto objeto, para que disso se produza um sujeito barrado.

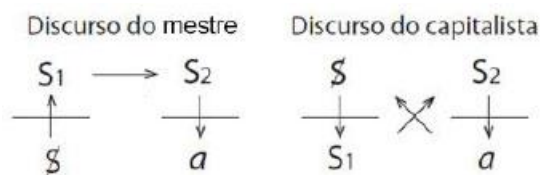


Os quatro discursos propostos por Lacan se concebem como modos de laço social, representando uma estrutura necessária. Esses discursos estão para além da fala, tendo em vista que essa não dá conta de tudo, havendo algo que ultrapasse a fala e as palavras. Destarte, o discurso é aquilo que institui determinado campo, já que é anterior a coisa em si; como, por exemplo, para o surgimento da histérica, é necessário que exista o discurso anterior a isso (MONTEIRO, 2019).

O lugar da verdade de cada discurso revela, nos matemas de Lacan, aquilo que se encontra velado nos laços sociais: há um sujeito no ato de dominar; há um imperativo tirânico no ato de educar; há um gozo no ato histórico; há um saber no ato analítico. Isso corrobora a ideia de que abarcar a realidade por meio da função mediadora da linguagem comporta a falta e os discursos vêm como aparelhos de tentar suprimi-las. Uma vez que a psicanálise pressupõe que os discursos carregam a incurabilidade da falta estrutural, cabe questionar de que modo o sistema capitalista se aproveita disso em seu discurso (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 148).

A sociedade atual é regida através do Discurso Capitalista, que se configura de modo que no lugar da verdade posiciona-se o capital (S1), o sujeito é reduzido à imagem de consumidor (\$) de objetos, produtos (a) provindos da ciência e tecnologia (S2). Dessa forma, segundo Quinet (2006), esse discurso produz um sujeito devedor, que cria sua dívida e tende à aumentá-la, considerando que o que move esse ciclo vicioso tem seu cerne na necessidade de consumo.

O Discurso Capitalista se formula através de uma torção do discurso do mestre, diferente dos outros que se configuram a partir do giro dos discursos. Esse movimento decorre da comutação dos termos que estão posicionados à esquerda, em que o \$ passa a ocupar o lugar de agente e o S1 passa a ocupar o lugar de verdade; os termos nos lugares de outro e produção se conservam em suas posições (LIMA, 2013).



No panorama no discurso capitalista, o inconsciente, como “trabalhador ideal”, está não mais a serviço do senhor antigo, mas, sim, do senhor chamado capital. O capital tornou-se o Significante-mestre (S1), ocupando o lugar da verdade no discurso. O S1 dirige-se ao Saber (S2) que, no lugar do outro, está a serviço do “mestre-capital”, dispondo de sua força de trabalho, de seu saber-fazer, para produzir mais-de-gozar, mercadorias, gadgets. O objeto mais-de-gozar aparece como mercadoria a ser consumida pelo Sujeito, o qual, dialeticamente, também é consumido pelas mercadorias (MONTEIRO, 2019, p. 171).

Desse movimento, é possível observar o desenrolar do Discurso Capitalista que se concebe no sentido de produzir subjetividades devedoras, que criam um ciclo, um movimento circular em torno dos meios de produção. Em busca de um objeto que é vendido como possível, comprável, alcançável, no sentido de fazer com que essa “roda de hamster” continue a rodar e produzir estruturações que estejam em consonância com esse jogo.

## FELICIDADE, SUJEITO E REFLEXOS DA CONTEMPORANEIDADE

Em primeira análise, é imprescindível discutir a felicidade para que se possa seguir no sentido da conceituação do sujeito à luz da psicanálise e situá-lo no cenário da pós-modernidade. Freud (1930 [1929]) defende que o que nomeamos felicidade em seu sentido mais reduzido advém da satisfação – preferencialmente repentina – de necessidades retidas em um grau elevado, apresentando-se de forma episódica. Se essa ação, desejada pelo princípio do prazer, se prolonga produz uma sensação de contentamento muito tênue, considerando que o prazer intenso provém de um contraste. O mal-estar na cultura é originado em três derivações: da finitude corporal, das relações com outras pessoas e da imprevisibilidade da natureza. Diante disso, de todas as possibilidades de sofrimento, o ser humano modera sua exigência perante a felicidade, e, por consequência, se pensa em felicidade ao escapar da infelicidade.

Dessa forma, Otero (2013) traz à luz a concepção de felicidade enquanto equilíbrio entre as pulsões e as demandas sociais, a satisfação estaria em encontrar um meio termo entre esses fatores, uma satisfação dentro dos limites sociais. Ao revisitar Freud, constrói um diálogo acerca da necessidade renúncia pulsional para a convivência

em sociedade. Além disso, um elemento interessante estaria na cultura totêmica que tem como base a restrição, o interdito, o pai que impõe limites; à vista disso, levanta-se a hipótese de que a cultura capitalista ocidental posicionou o consumo e o culto à imagem, a espetacularização da vida como um novo mito, elegendo esses aspectos à moral contemporânea.

Forbes (2010) ao debruçar-se diante do aspecto “felicidade”, traz uma perspectiva um tanto quanto mais otimista, já que defende que essa se dá em consonância com, em primeiro lugar, a sua não acumulação – a impossibilidade de retê-la, guardá-la; bem como sua característica de eventualidade, de acontecer em decorrência do acaso, no encontro, na surpresa. Dessa forma, aponta a possibilidade de maior durabilidade do pensar-se feliz estarna capacidade de responsabilizar-se diante da própria singularidade, a composição e invenção de soluções que sustentem o sujeito ao ser no mundo.

No que tange a questão desse sujeito que se sustenta frente ao mundo, Cougo e Tfouni (2011) retornam à Lacan no sentido de afirmar o sujeito da psicanálise que se constitui e estrutura através da linguagem; assim, se parte do pressuposto de que O significante, transmitido pelo Outro, assume papel fundamental na constituição do sujeito, em razão de seu funcionamento ser respaldado na linguagem. Dessa forma, Jorge (2008), retomando Lacan, utiliza o termo parlêtre (fala-ser) como nomeação que associa em uma só denominação “ser” e “fala”, e, reitera a teoria de Lacan ao defender que o ser humano se especifica pela fala; ao contrário da filosofia que incumbe o ser de uma unidade originária, a psicanálise considera o ôntico para o falasser enquanto uma falta originária.

Ao introduzir o conceito de inconsciente, Freud posiciona a fala em outro lugar, além da mera comunicação, à vista que o ato falar pronuncia mais do que é proposto. Nesse sentido, o inconsciente se comunica buscando ser escutado e ter seus desejos satisfeitos, utilizando, para isso, dos sonhos, sintomas, lapsos, chistes, atos-falhos; caminhos que apontam para Outra cena que habita o sujeito. Assim, na palavra localiza-se a dimensão que escapa aquilo que foi enunciado (MACEDO; FALCÃO, 2005).

O sujeito na psicanálise mostra-se como lacuna, esvaziada de imaginário, que ganha corpo ao ser encarnado pelo significante. Destarte, o corpo – como unidade - é posterior, consequência da movimentação do sujeito no sentido de dar contorno à ruptura, ao furo. E é através da falta que é causada a necessidade do encadeamento dos significantes (COUGO; TFOUNI, 2011).

Monteiro (2019) retorna a Lacan a fim de reiterar a existência de uma estrutura fundamental, que se formula através da relação entre um significante e outro significante, disso, surge um Sujeito (\$). Dessa forma, a exterioridade do Significante Mestre constitui-se como ponto nodal, permitindo o surgimento do discurso e a inauguração do campo do Outro e, através disso, se desenrola a cadeia de significantes. Portanto, o S1 se apresenta enquanto ponto de origem e exterior à cadeia dos significantes, e, por consequência, constituirá o Saber (S2) no campo do Outro.

Quando o S1 se inscreve como conjunto de um elemento, tem-se a representação do sujeito, por trás disso, está o seu ser de falta, que surge ao apagar esse S1. Em razão disso, a alienação valoriza essa operação do lado do sujeito, pois o significante não toca [o sujeito] diretamente ao considerar a separação, essa opera sobre uma falta que se

traduz como perda de vida no corpo. Dessa forma, o significante é a causa do sujeito, tendo em vista que sem ele não há sujeito no real, ele se apresenta ao ser representado por um significante; este sujeito está no real sob uma forma de descontinuidade, de falta, formas que repercutem o conjunto vazio. Destarte, a morte do significante, faz com que o desejo entre em uma memória “eletrônica”, “cibernética”, fazendo com que a cadeia da repetição, seja a cadeia do desejo morto, sendo a repetição fundada através de um retorno de gozo e dirigida ao gozo. Por isso, o fim da análise opera sobre a relação do gozo e sua possível modificação, não sob ótica da fantasia ou da repetição (MILLER, 2012).

Miller (2012) retorna a Lacan no sentido de significar o gozo em suas particularidades, em seus paradigmas. Disso, abstrai que o gozo tem em si uma satisfação imaginária, bem como a característica da estagnação, permanência e inercia. A memória de gozo, provém dessa satisfação imaginária que tende a repetição. Aponta que esse imaginário é inserido no simbólico agindo sobre ele, à vista que o significante anula o gozo e o restitui no molde de desejo significado, dessa forma, o gozo se reparte em desejo e fantasia.

Para falar de gozo, é necessário retornar ao real da Coisa freudiana, que se formula como princípio para conceituação de Lacan do gozo, que circunda os três laços do nó borromeano: real, simbólico e imaginário. Segundo Pamponet (2009) *Das Ding* é o primeiro real para criança, mudo, dialético e inapreensível; uma experiência que, em seu desamparo primordial, a criança vivência como estranha e hostil e que se situa no campo da alingua, anteriormente à lógica do Um ao Outro; importante pontuar que esse estado encontra descarga tão somente através da assistência alheia, e essa intervenção tem a função comunicativa, engendrando a demanda e articulando o inconsciente e o ser de gozo.

Retomando a lógica do Discurso Capitalista, o S1 no lugar de agente -mestre senhor- intervém em S2, que ao trabalhar produz um gozo. O S2 está no lugar de escravo, trabalhando incansavelmente e possuindo um-a-mais que falta ao senhor, pois é este que possui o Saber. Dessa forma, ao Saber situar-se no Outro, que formula o escravo como ideal do senhor, guarda em si a verdade do mestre: ser um sujeito castrado (\$) – à vista que ele precisa do escravo para se fazer e ter prestígio (MONTEIRO, 2019).

Sob outra ótica, é do escravo que o senhor extrai um gozo. O escravo, ao produzir um saber, deixa para trás um resto a recuperar: um mais-de-gozar (o objeto a). O escravo, no lugar do outro e como trabalhador incansável, terá uma parte de seu trabalho que nunca será pago e, que, por conseguinte, ele nunca conseguirá restituir (MONTEIRO, 2019, p. 168).

Nesse Sentido, Lacan situa o mais-de-gozar como o que marca o discurso do mestre e o mal-estar na civilização, compreendendo-se como a exploração do ser humano pelo próprio ser humano. Partindo da compreensão do discurso do mestre enquanto ponto inaugural do sujeito no âmbito do falasser e da renúncia pulsional, também é possível a compreensão que o mais-de-gozar relaciona-se diretamente com esse discurso, em razão de ser efeito do discurso, do mal-estar e da extração do gozo, que se promove ao situar-se (o sujeito) no laço social. Sendo assim, é nesse meio que o sujeito permeia por entre a alienação e a separação (MONTEIRO, 2019).

Nesse cenário, ao acontecer a alienação através da linguagem, um traço se forma em decorrência do rastro do gozo, que se denomina traço unário; é a partir desse traço que o S1 intervirá no campo dos outros significantes em frente a suas articulações. Dessa forma, com a intervenção do S1 a um outro significante, faz surgir o sujeito barrado (\$), sujeito esse marcado pela interdição da castração. E, desse processo, surge algo que se define como perda, que designa aquilo que se lê como objeto a. Esse objeto se articula com a repetição e a pulsão de morte, com o gozo. Diante disso, se abstrai a concepção de que o gozo fala de um saber que se localiza no gozo do Outro; assim, o gozo se inclui no campo do Saber, na dimensão da linguagem e do significante (MONTEIRO, 2019).

Através disso, se pode colocar em oposição as seguintes tripartições: significante, significado e efeito de significação e signo, sentido e efeito de gozo. Dessa contraposição, é possível observar as mudanças que levaram a uma nova definição de inconsciente, sendo compreendido como saber cifrado, escrito que aloja um gozo. Isso explica então a mudança de paradigma do “querer dizer”, que se situaria na primeira clínica lacaniana; para um “querer gozar”, situado na segunda clínica. Esse movimento também implica uma nova definição de linguagem, que passa a ser aparelho de gozo. Em consequência disso, Lacan conceitua o inconsciente a partir de um saber fazer com a alingua (LEITE, 2000).

Há um corpo que fala. Há um corpo que goza por diferentes meios. O lugar do gozo é sempre o mesmo, o corpo. Ele pode gozar masturbando-se ou, simplesmente, falando. Pelo simples fato de falar, esse corpo não está ligado ao Outro. Ele está ligado apenas ao seu próprio gozo, ao seu gozo Uno. Percebe-se isso pela psicanálise, ainda mais quando são feitas sessões mais curtas. Não é a elaboração complexa da significação e a solução do enigma que nos fazem voltar. Trata-se de tomar a fala como um modo de satisfação específica do corpo falante (MILLER, 2012, p. 45).

Partindo desse pressuposto, a ideia de sucessão ou deslizamento de significantes ganha outro estatuto, se dirigindo ao enlaçamento. O que Lacan propõe como topologia borromeana, situada em sua segunda clínica, é aquilo que escapa ao sentido e que, diante disso, deverá inventar sua própria história, através da simbolização, da produção ou busca pelo sentido (GUERRA et al., 2008).

Forbes (2012) cita Lacan ao fazer uma leitura dos efeitos da evolução na ciência, apontando para o desaparecimento do inconsciente como lugar de resto, resíduos, de mitos, que tinham como pressuposto na concepção de sujeito anteriormente. Em decorrência disso, supõe-se uma modificação sintomática, no sentido de, anteriormente, os sintomas ditos clássicos se apresentavam como expressão disfarçada do desejo; a sintomatologia atual se direcionaria para expressões mais claras e diretas da pulsão, ilustradas através das compulsões, das rejeições maciças. Nessa perspectiva, esses sintomas atuais tornar-se-iam avessos a interpretações e a modalidades de gozo dialetizáveis.

Birman (2005) pontua que anteriormente a conflitualidade psíquica se estabelecia no atrito entre a pulsão e censura, resultando nas formações do inconsciente – sintoma, sonho, ato falho, lapso e chiste. Em contraponto com o atual, esse conflito se direciona ao silêncio, ao passo que existe um intervalo entre o excesso pulsional e a simbolização, em razão da fragilização desse processo simbólico. À vista disso, a intensa pulsão busca uma via direta para sua descarga, seja através do corpo ou da ação,

e, em consequência disso, provoca um transbordamento do sujeito, que, posteriormente, vislumbra-se sem domínio próprio. Se verifica uma exacerbada presença e positividade das categorias corpo, intensidade e ação; em vista que as categorias pensamento e linguagem tendem à negatividade e ausência. Nesse sentido, o corpo se mostra em sua mais elevada vulnerabilidade, é onde está a ameaça à integridade, o que resulta na perseguição incessante pela saúde que se caracteriza como bem supremo na contemporaneidade. Com a medicalização ocidental, decorrida na viragem do século XIII e XIX, houve a substituição da salvação espiritual pela posição de saúde como valor central, como efeito disso, também foi houve uma radicalização na busca pela última, sofisticando e disseminando o biopoder. Assim, os esforços (in)cansáveis pelo corpo saudável, que decorrem da experiência da fragilidade do corpo, também são insinuadas por suas negativas, pela falha e desvanecimento do corpo.

Um ponto imprescindível dessas perturbações psíquicas da atualidade, na concepção de Birman (2005) concerne em seu caráter traumático, o sujeito não se antecipa ao perigo, denominado por Freud, como angústia-sinal, resultando que seja atingido de forma frontal e brutal. O trauma se instaura no psiquismo, raptado pela angústia do real. As psiconeuroses marcadas pela conflitualidade e simbolização, tendem a findar na atualidade, confrontadas pelo aumento significativo nas perturbações traumáticas.

Ao visitar Lacan, extrai-se o conhecimento de que a causa do traumatismo não está diretamente no pai ou em seu nome; porém, reside na linguagem, o Nome-do-Pai seria a formulação de um tratamento para esse real. Dessa forma, a psicanálise atualmente se norteia como um tratamento do real que causa a desorientação subjetiva, que demanda uma responsabilidade sobre o presente e uma composição do futuro. Nesse sentido, consideramos o sujeito mortificado, que padece da culpa por seu desejo incestuoso e o ser falante, que é vivificado pelo significante e se direciona para a responsabilização diante da singularidade do gozo (FORBES, 2012).

Diante da globalização, Forbes (2012) concebe a resposta do sujeito perante o mundo por meio do ressoar, que se torna tão fundamental quanto o raciocinar, sendo a partir desse movimento a construção dos laços sociais, através da articulação de monólogos. Nesse sentido, a “análise de prova” em frente ao processo analítico, não decorre mais da captação da pessoa pelo significante, em relação ao fazer sentido; porém, toma-se uma perspectiva de captação pelo significante poético, de acordo com a afetação causada por este ao tocar o corpo. De acordo com a ressonância, que se apresenta de inúmeras formas, pode ser feito um movimento de responsabilização do sujeito.

O sujeito se percebe ser de ressonância, através da repetição do próprio ressoar – que vão além dos argumentos utilizados pelo sujeito, de sua afirmação de consciência e da suposta liberdade. Além disso, pontua que a concepção estrutural do sujeito baseada na diferença sexual e na diferença geracional não opera da mesma forma na atualidade. À vista que o laço social se direciona para uma configuração horizontal e fraterna. Nesse sentido, não se trata da recusa ao valor da estrutura em psicanálise, porém de uma reconfiguração histórica no sentido de laço social. Destarte, os sintomas da atualidade não tomariam, necessariamente, como pressuposto a metáfora paterna como cifra do gozo auto erótico, em razão disso, abordá-los através da interpretação seria um equívoco. Uma das faixas etárias mais atingidas pelo curto-circuito do gozo é a adolescência, que demonstra se organizar a frente disso de acordo com alguns recursos ao seu alcance. Como a utilização de esportes radicais como tentativa de captura direta

do gozo – paraquedismo, alpinismo, canoagem. Segundo Forbes (2010) o gozo desbussolado escapa à palavra dialogada, mas se apreende através da palavra-ato, ordenando o excesso de gozo. Essa palavra-ato marca e nomeia, como por exemplo, a palavra poética, que captura algo no ser e conquista esse gozo.

Dessa forma, a conflitualidade psíquica tem se diluído progressivamente, dando espaço aos embates que se estabelecem entre as pessoas e destas com as instancias externas, no campo social. Como consequência disso, o corpo se apresenta, através de espetacularização da imagem, em detrimento do discurso, produzindo uma hipersensibilidade em relação à autoimagem, que resulta em produção de angústia e depressão (BIRMAN, 2007). Pela via da ação, as manifestações psíquicas descarregam pela de acordo com a passagem ao ato, não somente do acting out. Em decorrência da pobreza simbólica, as intensidades que descarregam no mundo não formulam mais uma cena, porém, através da agressividade, da violência, do crime. Também através de algum objeto regulatório, que acaba por não dar conta, traduzido na forma de compulsão, ação ineficaz já que não é capaz de regular o excesso pulsional. Nessa perspectiva, o sujeito realiza uma passagem ao ato sobre o corpo ao produzir sintomas psicossomáticos e sobre o mundo através dessa passagem ao ato e das compulsões (BIRMAN, 2005).

No decurso disso, as perturbações psíquicas se sintetizam nos registros corporais, da ação e da intensidade, em que a passagem ao ato tende ao domínio da regulação psíquica, descarregando sobre o corpo e a ação. Evidenciando a pobreza na simbolização, a perda do investimento narcísico, perpassando caminhos que vão de encontro a irritabilidade, agressividade, violência, depressão. Além disso, a disseminação das compulsões, desde as drogas à comida, representando e apontando para uma negatividade narcísica e a fragilidade simbólica. Também se apresenta, em decorrência disso, a presença de um marcante vazio central na experiência psíquica, o que poderia indicar o domínio da pulsão de morte sobre a pulsão de vida no aparelho psíquico (BIRMAN, 2007).

## **SOBRE AS (IM)POSSIBILIDADES AO VIVER NO SÉCULO XXI**

Ao falar de possibilidades na busca de viver em meio ao mundo, à sociedade e conseguir obter disso certo grau de felicidade, ou de pensar-se feliz nesse cenário, se faz necessário fazer, novamente, um retorno ao texto “O Mal-Estar na Civilização” de Freud (1930 [1929]). Nesse trabalho, o autor caminha no sentido de apreender a felicidade enquanto uma escapatória da infelicidade e propõe alguns direcionamentos através dos quais o ser humano pode buscar a fuga do sofrimento. Os encaminhamentos apontados por ele estariam relacionados a quatro pontos: a busca desenfreada pelo sentimento de satisfação, que pode ir de encontro com valores estabelecidos em sociedade; o isolamento, através do qual a felicidade seria encontrada em forma de quietude – considerado por ele um sacrifício da própria vida -; a intoxicação química; e, por fim, a busca pela via do amor.

Birman (1997) aponta que para a psicanálise o alvo não é necessariamente a cura, mas, sim, a possibilidade de uma orientação para a coordenação do sujeito de acordo com o registro simbólico e a percepção pulsional. Dessa forma, a psicanálise

tende a se posicionar diante do conflituoso mal-estar atual na sociedade, de modo contrário as diversas outras formas de salvação, em que o desamparo do sujeito percorre limites abismáticos. Na época em que se há perdido as certezas advindas do Iluminismo e na razão cientificista, o mal-estar na civilização se concebe como desencantamento radical. Trazendo espaço para a religião, que, por sua vez, promove uma formulação de novas visões de mundo. Deixando àqueles que não creem o universo das drogas estimulantes, psicotrópicas, que prometem a excitação dionisíaca e a quietude nirvânica.

No que tange a teoria psicanalítica, abordamos esse paradigma pela via do amor, tendo em vista que a relação que se estabelece ao se firmar uma análise está ancorada no amor transferencial. “A transferência não é apenas repetição. A verdadeira mola do amor” (LACAN, 1992, p. 169). Nessa perspectiva, Miller (2012) defende que, nas condições da psicanálise, existe uma satisfação advinda do ato de falar para alguém e que isso acarreta em efeitos de modificação. Disso, aparecem efeitos de verdade que redirecionam o sujeito, nesse sentido, a relação como Outro surge como sendo inaugural, inicial.

Considerando a teoria lacaniana, com a associação livre e a partir da submissão à regra fundamental que se encontra uma conexão com o inconsciente, ao se dizer tudo a um outro, colocado na função de sujeito suposto saber. Assim, a transferência se estabelece através da relação com o saber, que, na situação analítica, se traduz através da posição do analista, não necessariamente sua pessoa; em razão disso, se a transferência é de amor, esse amor é dirigido a quem estiver nessa posição e, esse “qualquer um” que estiver nesse lugar se concebe enquanto conceito de Outro, formulando assim a clínica lacaniana enquanto clínica do Outro, da transferência (LEITE, 2000).

Nesse cenário, segundo Leite (2000) a associação livre ganha destaque fundamental e exige do psicanalista a capacidade de escuta que não reduza os espaços simbólicos que essa regra viabiliza, além de não se deixar levar por seu próprio discurso. Do lugar do analisando, cabe a fala de tudo que ocorre no momento, sem deixar de revelar insignificâncias, vergonhas, dores. Dessa forma, se constitui a situação analítica, que abre possibilidades para o deciframento da palavra. A invenção freudiana concerne na invenção do psicanalista como Outro, que se configura através da dependência do analisando – que está na posição de não saber – para com o analista, que supostamente sabe. Essa dependência não se trata de uma dependência real, porém, da dependência da relação do sujeito com o saber, este que se procura numa análise. Em decorrência disso, a relação transferencial se denomina enquanto Sujeito Suposto Saber.

No seio da associação livre vai se produzindo um deslocamento da imagem, do fato como fixo, e este vai se incluindo em múltiplas imagens caleidoscópicas cujas combinações possíveis se multiplicam e onde o ritmo, a cadência, a intensidade maior de alguns fonemas, a excitação explícita no gaguejar de uma palavra, o sentido duvidoso de uma frase mal construída, tudo isso vai dando tonalidades diferentes a estas figuras que não passam despercebidas à escuta sutil da atenção flutuante. Ao mesmo tempo, ao ser escutado pelo analista, o próprio sujeito que fala se escuta (ALONSO, 1988, p. 2).



Diante disso, propõe-se a resposta da psicanálise por meio da clínica, que se vincula a uma busca de um diferente posicionamento ao escutar o sofrimento humano, no sentido de explorar a localização e a construção do sintoma em sua relação com o inconsciente, bem como a localização dos efeitos dos encontros contingentes com o gozo. Tendo em vista que este trabalho não é realizado sem a linguagem, a aposta psicanalítica está centrada na fala, operando através do amor transferencial (DRUMMOND, 2011).

A primeira e a segunda clínicas de Lacan funcionam de forma diferente. A primeira, opera através da decifração, levantando o recalque que acarreta na possibilidade de alívio do sintoma. A segunda, por sua vez, funciona de modo que a palavra serve como cifra, tornando o ser humano responsável pelo seu gozo, em uma época em que o Outro não existe, em que há uma fragilidade simbólica, uma escassez de padrão, uma pobreza de norte. Além disso, o movimento a ser feito pelo analista de acordo com essa segunda clínica estaria no tocar o corpo, através do posicionamento entre o corpo e a palavra, entre o fazer e desejar, nomeado por Lacan como Tao; dessa forma, através desse modo analítico, o analisando terá a possibilidade de modificar sua relação com o gozo (FORBES, 2010).

A inovação da segunda clínica, na visão de Laender (2009) consiste justamente em tratar a variabilidade e gradações entre os tipos de sintomas, utilizando para isso as topologias dos nós. A variabilidade do sentido não opera mais como elemento ordenador, porém próprio sistema, configuração, modo como se constitui o ponto de capitonê. As formas de sentido continuam a existir, assim como as variabilidades do sintoma, porém, não ocorre mais em decorrência do Nome-do-Pai enquanto organizador.

Dessa forma, o ponto de basta é considerado um nó a partir da compreensão de que a noção de amarração se vincula a articulação dos registros. Consequentemente, o simbólico, o real e o imaginário podem estar soltos ou amarrados (MENICUCCI e SANTIAGO, 2012).

Na metáfora, a substituição significante, que ocorre no registro do simbólico, produz uma significação que se situa no registro do imaginário. Desse modo, o ponto de basta deve ser considerado como o momento em que se realiza essa articulação. Trata-se, portanto, do instante em que o significante se introduz no imaginário, pela produção de uma significação. Ou seja, o ponto de basta marca o momento da intromissão do significante no significado. Ora, se a função do nó consiste em articular registros, é perfeitamente justificável inferir que o ponto de capitonê, efeito da metáfora, é um nó (MENICUCCI; SANTIAGO, 2012, p. 215).

Nessa perspectiva, os elementos relacionados ao sentido e sintoma, encontram importância no processo analítico em frente à consideração da lógica interna, do sistema de articulação dos registros Simbólico, Real e Imaginário (LAENDER, 2009). Em torno disso, em consonância com Leite (2000), aponta-se para um direcionamento que aponte para o Real, uma interpretação que não esteja orientada diretamente para o sentido, mas que oriente para o Real.

Destarte, a concepção da clínica do sintoma ocorre em contraposição à primeira configuração dos tipos de sintoma denominada descontinuísta, tendo em vista que esta se dá em decorrência do fator organizador Nome-do-Pai. Enquanto a clínica do sintoma, segunda clínica de Lacan, se formula através da perspectiva continuísta em que são enfatizadas as gradações. Não se interpreta o elemento do sistema, porém as diversas formas de aparelhamento do gozo. “O que diferencia, portanto, não são mais as oposições, mas as distintas espécies, formas, meios de aparelhamento, as formas de enlaçamento dos diferentes registros” (LAENDER, 2009, p. 138).

Em torno disso, a interpretação proposta nesse cenário não se formula como uma mensagem a ser decifrada, porém um ato que incide sobre o gozo produzido no ciframento. Assim, a direção do tratamento, nessa era pós-interpretativa, indica que o analista não se oriente somente através dos sintomas e seus sentidos, orientando-se pelo efeito da incidência do Real no significante, nomeado por Lacan como “Sinthome” (LEITE, 2000). Em consonância com a teoria Lacaniana, Machado (2005) pontua que essa interpretação consistiria em um dizer essencialmente silencioso, apontando para o fato de que o significante esconde outro significante e, disso, se procura o que de Real condiciona esses efeitos de significações, que revela a consistência lógica do objeto, o impossível de dizer.

Ao atuar nessa posição, o analista produziu uma reformulação do Real, que ao ressignificar-se, é vislumbrado enquanto Simbólico. Em decorrência disso, a categoria Desejo se contrapõe ao Gozo e o Significante se reparte em sentido e letra. Nesse entorno, o gozo responde em face a letra do significante, correspondendo a sua fixidez, existência fora do sentido (LEITE, 2000).

Poder-se-ia também inferir que o gozo poderia ser considerado como a abordagem lacaniana do ponto de vista econômico em Lacan, e haveria igualmente uma retomada do conceito de defesa relativizando o conceito de recalque, justificando desta maneira a proposta de uma "forclusão generalizada" como o paradigma do que funda a falta (LEITE, 2000, p. 177).

Nesse panorama, de sintoma como sentido e gozo, partimos para uma concepção de sistema de escrita, que aponta algo no sintoma além da significação. Em decorrência disso, o sintoma não se esgota na significação produzida no lugar do Outro, dando um espaço para uma vertente vinculada ao significante em forma de letra, uma coordenação do gozo do corpo com o significante. Dessa forma, se concebem dois caminhos: a mortificação do gozo pelo significante e a vivificação do gozo pelo significante. Em que, a primeira consiste na concepção lacaniana que parte do simbólico pela via do imaginário, até que se privilegia o simbólico; em razão disso, o significante mortifica o gozo, em decorrência da perda advinda desse movimento – na entrada na cadeia significante o gozo perderia sua força pulsional. Em relação a vivificação, parte-se justamente da contraposição dessa primeira formulação, em que o gozo que antes mortificava, agora vivifica (MACHADO, 2005).

Trata-se de outra concepção de significante, não apenas como aquilo que mortifica o corpo, que libera do corpo o mais-de-gozar, mas que determina o regime de gozo do ser falante. O gozo já não é apenas

gozo do corpo, mas também gozo da linguagem, na medida em que o sujeito tem um corpo. Essa perspectiva comporta colocar em questão o próprio termo sujeito, porque o sujeito é sempre um elemento mortificado; aliás, Lacan o definiu como falta-a-ser, e é por isso que ele faz entrar o corpo vivo na psicanálise. Ele substituiu o termo sujeito por falasser, que é o contrário de falta-a-ser, é o sujeito mais o corpo, é o sujeito mais a substância gozante (CAMARGO, 2007, p. 5).

Em referência a foracclusão, pode-se considerar uma perspectiva que separe a foracclusão do Nome-do-Pai da foracclusão de sentido no real, em razão da postulação de Lacan que cerne no real sem lei, estando nele foracluído o sentido. Portanto, essa foracclusão está para todos, se configurando predominantemente como falha no real, ao qual o sinthoma responde como defesa. A foracclusão do Nome-do-Pai desabona o sujeito do inconsciente, enquanto a foracclusão do sentido funda o inconsciente; em razão disso, o sinthoma faz suplência a essa foracclusão, que se dá no saber-fazer com o indizível, com o real.

A psicanálise precisa atualizar sua percepção dessas estruturas, uma vez que a expressão do real pulsional na experiência do homem desorientado não se serve mais do mito do pai como agente da castração. O gozo hoje não é mais vivido como incestuoso e impossível. As manifestações sintomáticas contemporâneas são, muitas vezes, invenções para tratar o real (FORBES, 2012, p. XXV).

A psicanálise aposta na responsabilidade pelo ressoar – que não é livre em sua origem, já que se relaciona diretamente à padrões identitários de cada sujeito. Através da responsabilização pelo ressoar, em forma de criação e composição de um lugar singular em torno dele, em detrimento de posições padrões oferecidos por terceiros, é fundada uma forma de liberdade. Essa liberdade se funda através da consonância e do encontro, a liberdade se faz em conjunto com a do outro (FORBES, 2010).

E a diminuição no suposto tempo da sessão estaria a favor de estimular o analisando a concluir precipitadamente, conclusões que tenham a ver com razão, aposta, afeto. Relacionando-se com o partir para a ação, já que se deu de forma precipitada. Assim, é preciso que se suporte a angústia diante da precipitação de uma conclusão e, a partir disso, haja a responsabilização pela decisão, um posicionamento, sobretudo, ético. Em consonância com isso, a prática psicanalítica vai além do consultório atualmente, à vista que se orienta para manifestações do laço social nos mais diversos cenários, desde a política, família, empresa, escola, até a sociedade de forma geral (FORBES, 2012).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, esse artigo se propôs a caminhar por entre as vias que levam ao entendimento dos diversos contextos construídos historicamente que permeiam a subjetivação, a formulação das diversas formas de se constituir enquanto sujeito em meio a sociedade.

Passeamos pelas formas de organização presentes na modernidade, para poder alcançar os paradigmas que se fazem presente na pós modernidade e a partir disso, compreender os reflexos sobre o sujeito nesse meio. Ilustrando os discursos que circundam esse entorno e intervém sobre a forma de ser e estar no mundo.

Além disso, também se ilustrou as formações inconscientes advindas do encontro com a linguagem, que se refletem nas modificações nessas subjetividades. Como a linguagem muda, o inconsciente também muda; e, em decorrência disso, modifica-se também o sujeito, por ser estruturado através dessa linguagem (LEITE, 2000). Disso, podemos conceber que a prática e teoria psicanalítica, por se tratarem de uma ética, ética do desejo, a verdade do sujeito em causa, também estão em constante mutação, no sentido de acompanhar os passos do sujeito rumo ao desenrolar do discurso, que tem a capacidade de vivificação.

Através da mola transferencial ancorada no amor, caminhamos rumo à busca da relação com o saber, que permeia o processo analítico, e caminha de encontro ao desejo e a sua propulsão em direção ao continuar a desejar, com responsabilização e um constante saber fazer com o desejo.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, S. L. **A escuta psicanalítica**. 1988. Disponível em: [www.uol.com.br/percurso/mais/pcs01/artigo0120.htm](http://www.uol.com.br/percurso/mais/pcs01/artigo0120.htm). Acesso em: 21/10/2019.

BADIN, R.; MARTINHO, H. M. O discurso capitalista e seus gadgets. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, v.10, n. 2, p. 140-154, 2018.

BIRMAN, J. **Estilo e Modernidade em Psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

BIRMAN, J. O sujeito desejante na contemporaneidade. In: **Seminário de análise de discurso**. Porto Alegre: joelbirman, 2005, pp.1-18.

BIRMAN, J. Laços e desenlaces na contemporaneidade. **J. psicanal.**, v.40 n.42, p. 47-62, 2007.

CAMARGO, L. F. E. Sujeito do desejo, sujeito do gozo e falasser. **Opção Lacaniana Online**, 2007. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/pdf/artigos/LFESujei.pdf>

COUGO, R. H. F. A.; TFOUNI, L. V. A constituição do sujeito na pós-modernidade e o consumismo. **Rev Mal-Estar Subj.**, v.11, n.3, p. 1189-1216, 2011.

DRUMMOND, C. Dar Lugar às Insignificâncias. **Opção Lacaniana**, 61, 2011

FONTENELLE, I. A. O estatuto do consumo na compreensão da lógica e das mutações do capitalismo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v.1, n.92, p. 207-240, 2014.

FORBES, J. F. **Inconsciente e Responsabilidade**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

FORBES, J. F. **Inconsciente e Responsabilidade: Psicanálise do Século XXI**. São Paulo, SP: Manole, 2012.

FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. Imago (Ed), Obras completas, volume 21 Brasil, 1930.

GIRELLI, L. S.; TFOUNI, L. V. A lógica cultural do capitalismo contemporâneo a partir da obra de Fredric Jameson. **Rev, Café com Sociologia**, v.4, n.1, p. 84-99, 2015.

GUERRA, A. M. C.; FIGUEIREDO, A. C.; BORÇATO, L. L.; SOUZA, P. V.; ANDRADA, C. S. Sujeito e invenção: a topologia borromeana na clínica das psicoses. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v.11, n.2, p. 283-297, 2008.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio** (2a ed.). São Paulo: Ática, 2002.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud à Lacan: As bases conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 8: A Transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LAENDER, N. R. Um caso clínico em questão: neurose ou psicose? **Estudos de Psicanálise**, v. 1, n.32, p. 129-140, 2009.

LEITE, M. Na segunda clínica de lacan a palavra não se dirige ao outro. **Estilos Da Clínica**, v.5, n.9, p.169-181, 2000.

LIMA, N. L. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v.13, n.3-4, p. 461-498, 2013.

MACEDO, M. M. K.; FALCÃO, C. N. B. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, v.9, n.15, p. 65-76, 2005.

MACHADO, O. M. R. **A clínica do sinthoma e o sujeito contemporâneo**. 2005. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

MENICUCCI, J. G.; SANTIAGO, J. A metáfora enquanto ponto de basta: uma articulação possível entre a noção de metáfora e a teoria dos nós. **Mental**, v.10, n.19, p. 203-220, 2012.

MONTEIRO, J. L. M. A cisão entre o sujeito e o saber no discurso capitalista. **Ágora**, v. 22, n.2, p. 164-172, 2019.

OTERO, C. **Os Laços sociais na era virtual: um novo discurso?** 2013. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Psicanálise) - Universidade Veiga de Almeida, Saúde e Sociedade, Rio de Janeiro, Brasil.

PAMPONET, R. Sobre o Gozo Lacanaiano. **Opção Lacaniana**, 52, 2009.

QUINET, A. **Psicose e laço social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SCHMIDT, V. H. Avanço e consequências da modernidade global. **Sociedade e Estado**, v.33, n.2, p. 407-422, 2018.

TARRAB, M. As Ficções Contemporâneas e a Indiferença do Vulcão. **Opção Lacaniana**, v. 5, n. 15, p.1- 17, 2011.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço à vida, pelas experiências que vivi, pela sucessão de eventos que me guiaram até esse momento, que, certamente, ficará marcado e continuará a me transformar.

Também agradeço à minha família, que foi construída a base de muito suor e trabalho, sempre guardarei em mim um imenso sentimento de gratidão, por todas as oportunidades e privilégios que me concederam.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte do meu caminho, em especial a minha orientadora Jailma Belarmino Souto, que sempre se dispôs a guiar-me pela via da ética, responsabilidade e compromisso em todo esse percurso em tive o prazer de tê-la como professora, orientadora e supervisora.

Agradeço, igualmente, a todos os colegas e amigos com quem tive a oportunidade de criar laço. Agradeço por todas as experiências, por todas as trocas, por todos os momentos que terei como história, guardados em meu coração. Foi um lindo percurso, em todas as suas particularidades, em todos os seus contornos, continuarei a guardá-lo na memória.